Versão *On-line* ISBN 978-85-8015-076-6
Cadernos PDE

VOLUME I

OS DESAFIOS DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE NA PERSPECTIVA DO PROFESSOR PDE

2013

Artigos

PARANÁ
GOVERNO DO ESTADO
Secretaria da Educação

TRANSTORNOS FUNCIONAIS ESPECÍFICOS: CONHECER PARA INTERVIR

Autora: Luciane de Andrade Custódio[1]
Orientadora: Cássia Regina Dias Pereira[2]

RESUMO: O transtorno de aprendizagem é um dos fatores que pode interferir no desenvolvimento escolar do aluno. O referencial teórico consultado sobre o tema evidencia que os transtornos desencadeiam limitações diferenciadas no seu aprendizado que, sem diagnóstico e encaminhamento adequado, podem contribuir para o fracasso escolar. Foi possível identificar a escassez de disciplinas específicas sobre o tema nos cursos de formação de professores das diversas licenciaturas, bem como a omissão e o desinteresse de alguns profissionais da educação em adquirir conhecimento mínimo sobre o assunto, embora a SEED disponibilize materiais didáticos consultivos nos cursos de formação continuada. O desconhecimento não deve ser empecilho nem eximir o educador de sua responsabilidade, muito menos, impedir a percepção sobre o aluno que apresenta dificuldade de aprendizagem na sala de aula para a realização da avaliação e possível encaminhamento desse aluno à Sala de Recursos. Considerando que o conhecimento sobre essa problemática por parte dos professores é relevante para o desenvolvimento do educando, o presente trabalho tem como proposta, oferecer subsídios teóricos a todos os envolvidos no processo, no reconhecimento e diagnóstico desses alunos com transtornos de aprendizagem, bem como o encaminhamento e a aplicação de metodologias adequadas, que possam contribuir para o processo de aprendizagem do educando. Nas atividades de intervenção foram desenvolvidos temas que possibilitaram aos professores e pedagogos uma nova visão em como observar e identificar algum tipo de transtorno apresentado no aluno e encaminhar e adotar novas metodologias a fim de diminuir suas dificuldades no processo de aprendizagem.

Palavras-Chave: Aluno. Transtornos. Aprendizagem**.**

---

[1] Professora PDE/Graduada em Pedagogia/ especialização em: Orientação Educacional; Supervisão Escolar e Educação Especial. Atua no Colégio Estadual Padre Manuel da Nóbrega. E mail: luandradec@seed.pr.gov.br.

[2] Professora efetiva do colegiado do curso de pedagogia da Unespar Campus Paranavaí. Pedagoga, Mestre em Educação pela UEL.

INTRODUÇÃO

O processo de educação escolar é perpassado por uma série de fatores diretos e indiretos que interferem na aprendizagem do educando. Nesta pesquisa destacamos os transtornos funcionais específicos, que sem diagnóstico e encaminhamento adequado, contribuem, para o fracasso escolar.

Esses transtornos desencadeiam limitações diferenciadas que interferem de maneira significativa no aprendizado do aluno. Essas limitações são comumente observadas de forma cada vez mais frequente no universo escolar. Os relatos feitos pelos professores no dia a dia e nos encontros pedagógicos (reuniões, hora atividade, conselho de classe, e outros), nos mostram que a ocorrência dos transtornos funcionais específicos é um problema que necessita de uma maior atenção e encaminhamento adequado para que o aluno tenha condições adequadas de obter sucesso nos estudos.

Considerando que a falta de informações sobre o tema pode impedir o reconhecimento e identificação desses distúrbios nos alunos, resultando no diagnóstico tardio, trazendo consequências negativas para o processo ensino aprendizagem, o presente artigo tem como proposta, oferecer subsídios para os professores e de todos os profissionais envolvidos que propiciem o entendimento, o reconhecimento e diagnóstico desses alunos com transtornos de aprendizagem, bem como o encaminhamento e a aplicação de metodologias adequadas, que possam contribuir para diminuir o agravamento das dificuldades e facilitam o processo de aprendizagem do educando.

As atividades propostas na Implementação foram direcionadas aos professores e pedagogos do Colégio Estadual Padre Manuel da Nóbrega- Ensino Fundamental e Médio, sendo essa mesma temática direcionada aos profissionais de educação do Estado do Paraná, que participaram do Grupo de Trabalho em Rede (GTR).

Visando uma melhor análise do tema proposto, a Implementação Pedagógica foi sistematizada em temas diversificados, organizadas em oito abordagens, para o trabalho em grupo de estudos, compreendendo um cronograma de quarenta horas de estudos divididas em oito encontros presenciais de quatro horas, complementadas por oito horas de estudos à distância para leitura de

aprofundamento teórico que permitiram reflexões e estudos dos resultados adquiridos em cada etapa.

Cada encontro teve como objetivo conceituar e diferenciar os tipos mais comuns de transtornos funcionais específicos. Esses objetivos proporcionaram aos cursistas uma percepção de que cada aluno necessita de intervenção diferenciada que facilite sua aprendizagem.

ASPECTOS LEGAIS E PEDAGÓGICOS DA EDUCAÇÃO ESPECIAL

Contemplada primeiramente na Constituição Federal de 1988, depois na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9394/96, no Decreto Federal nº 7611 de 17 de novembro de 2011, e especificamente na instrução deliberativa nº 016/2011 da Secretaria de Estado da Educação, através da Superintendência da Educação SEED/SUED, fica finalmente estabelecido critérios para o atendimento educacional especializado em SALA DE RECURSOS MULTIFUNCIONAIS TIPO I, na Educação Básica, cujos os atendimentos serão para a área de deficiência intelectual, deficiência física neuromotora, transtornos globais do desenvolvimento e transtornos funcionais específicos.

> A inclusão educacional é um direito do aluno e requer mudanças na concepção e nas práticas de gestão, de sala de aula e de formação de professores, para a efetivação do direito de todos à escolarização. No contexto das políticas públicas para o desenvolvimento inclusivo da escola se insere a organização das salas de recursos multifuncionais, com a disponibilização de recursos e de apoio pedagógico para atendimento às especificidades dos alunos público alvo da educação especial matriculados no ensino regular. (BRASIL. 2010, p 5).

No documento Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação inclusiva do Ministério da Educação e Cultura (MEC – 2010), os transtornos funcionais Específicos referem-se à funcionalidade específica (intrínsecas) do sujeito, sem o comprometimento intelectual do mesmo. Diz respeito a um grupo heterogêneo de alterações manifestadas por dificuldades significativas na aquisição e uso da audição, fala, leitura, escrita, raciocínio ou habilidades matemáticas, na atenção e concentração.

Independentemente do posicionamento teórico para classificação dos alunos que apresentam dificuldades específicas de aprendizagem no contexto educacional, a Secretaria de Estado da Educação/Departamento de Educação Especial e Inclusão Educacional- SEED/DEEIN, tem como referência de nomenclatura a classificação adotada pelo MEC.

Os casos, que implicam em transtornos funcionais específicos, segundo o MEC não caracterizam público-alvo da Educação Especial. Devendo a educação especial atuar de forma articulada com o ensino comum, orientando para o atendimento às necessidades educacionais especiais desses alunos. Porém, no estado do Paraná, por entender que esse grupo de alunos necessita de um complemento à escolarização da classe comum para o desenvolvimento de sua aprendizagem, a SUED/DEEIN oferta este apoio especializado em Sala de Recursos Multifuncionais, atendimento normatizado pela Instrução 16/11– SEED/SUED – PR.

Segundo a Instrução nº 016/2011 da SEED/SUED , a Sala de Recursos Multifuncional – Tipo I, na Educação Básica deverá obrigatoriamente estar contemplada no Projeto Político Pedagógico e no Regimento da Escola com uma organização de materiais didáticos, recursos pedagógicos e equipamentos tecnológicos que possibilitem a acessibilidade e estimulem a valorização, a cooperação, a reciprocidade no processo de promoção do desenvolvimento cognitivo, afetivo, motor e social.

CONCEITUANDO OS TRANSTORNOS FUNCIONAIS ESPECÍFICOS

As causas das dificuldades de aprendizagem podem ser de ordem pedagógica, neurológica ou intelectual.

Vários estudiosos consideram que as dificuldades de aprendizagem interferem no domínio dos conteúdos acadêmicos.

> As dificuldades de aprendizagem ocorrem devido a várias razões. Uma delas é que a criança apresenta alguma dificuldade cognitiva particular que faz com que seu aprendizado de certas habilidades se torne mais difícil que o normal. (DOCKRELL e MCSHANE, 2000, apud MAKISHIMA E ZAMPRONI, 2012 p. 2).

Os transtornos funcionais específicos se configuram em um conjunto de sintomas que provocam uma série de perturbações na aprendizagem do aluno.

Dentre os distúrbios de aprendizagem mais comuns estão: dislexia, disgrafia, disortografia, discalculia - e transtornos de atenção e hiperatividade.

DISLEXIA

A dislexia passou-se a receber mais atenção por parte dos estudiosos a partir do século XIX. Em 1896 James Kerr descreveu pela primeira vez esse distúrbio de leitura. Desde então diversos autores fundamentam suas teorias em bases teóricas próprias, mas cada teoria desenvolvida confronta-se com críticas e oposições de outras linhas. No entanto há consenso entre os estudiosos no conceito de que a "Dislexia é um termo que se refere às crianças que apresentam sérias dificuldades de leitura e, consequentemente de escrita, apesar de seu nível de inteligência ser normal ou estar acima da média" (MORAIS, 2006, p.81).

A criança com dislexia apresenta dificuldades com a linguagem e escrita; dificuldades em escrever e com a ortografia e lentidão na aprendizagem da leitura.

Esse distúrbio presente desde o início da escolaridade e cada vez mais comum nas salas de aulas não é o resultado da má alfabetização, desatenção, condição sócio- econômica ou baixa Inteligência. É uma condição hereditária com alterações genéticas.

Uma das possíveis causas é a exposição do feto a doses excessivas de testosterona durante a gestação, o que explicaria a maior incidência da dislexia em pessoas do sexo masculino, pois fetos do sexo feminino tendem a serem abortados com o excesso de testosterona. Ainda pode ser causada por má nutrição, negligência e abusos infantis. Por lesões a áreas do cérebro responsáveis por compreensão de linguagem, raro em criança.

Outras causas como o atraso em andar, atraso na aquisição da linguagem e problemas de dominância lateral são acrescentadas por Drouet (2006, p.139).

A aquisição da leitura do aluno que apresenta dislexia sempre será mais lenta em relação aos colegas, por mais que ele se esforce. Sendo assim, é de extrema importância que seja realizado o diagnóstico o mais precoce possível para que se evitem maiores problemas que possam interferir em sua aprendizagem.

DISGRAFIA

A Disgrafia também chamada de letra feia, ocorre devido a criança não conseguir recordar a grafia correta da letra. Ao tentar recordar a grafia, apresenta a sua escrita muito lenta e por vezes ilegível. Essa deficiência em traçar a letra corretamente não significa que ela tenha algum déficit intelectual ou neurológico. A criança pode ter inteligência na média ou acima da média. Embora algumas crianças com disgrafia também possua disortografia, essas não estão associadas. (SAMPAIO, 2012)

A disgrafia pode ser classificada em dois grupos de acordo com Portelano Pérez (1985) e Brueckner e Bond (1986) apud CAMARGO, (2008, s.p):

- Disgrafia do tipo MATURATIVA, desenvolvida à partir de fatores próprios do desenvolvimento do indivíduo;
- PROVOCADA, de causa pedagógica, cujo substrato é o ensino inadequado da escrita.

Tanto a disgrafia maturativa quanto a provocada, reportam-se tanto ao excesso de exigência quanto à deficiente orientação no processo de aquisição do grafismo da escrita.

A educação motora desenvolvida adequadamente é um dos pré-requisitos relevantes na qualidade gráfica, pois envolve uma série de atividades que principiam a consciência do corpo como meio de comunicação consigo mesmo e com o meio. Um bom desenvolvimento do esquema corporal pressupõe uma boa evolução da motricidade, das percepções espaciais e temporais, e da afetividade que vão favorecer um bom desenvolvimento de uma forma global e especificamente na aprendizagem da comunicação oral, escrita como do pensamento lógico e cálculo mental.

> A criança com disgrafia tem dificuldade no plano motor, no plano perceptivo e no plano simbólico. A dificuldade de integração visual-motora dificulta a transmissão de informações visuais ao sistema motor. “A criança vê o que quer escrever, mas não consegue idealizar o plano motor”. Sua escrita é nitidamente diferente da escrita da criança normal, o que não acarreta homogeneidade no interior do grupo dos disgráficos. (AJURIAGUERRA, 1988 apud CAMARGO, 2008, s.p.).

A disgrafia pode acarretar sérios problemas na vida escolar do aluno, pois se ele escreve com calma para sua letra ficar legível, demora muito e não é capaz de acabar a atividade em tempo, se faz rápido, sua letra fica ilegível. Dessa forma é muito importante tratar o problema afim de, melhorar a relação do aluno com a escola.

DISORTOGRAFIA

A disortografia pode ser definida como o conjunto de erros da escrita que afetam a palavra, mas não o seu traçado ou grafia.

De acordo com Drouet, (2006, p. 131) a disortografia é caracterizada pela incapacidade da criança de apresentar uma escrita correta de letras, sílabas e palavras com ortografias já conhecidas. Ela faz trocas de fonemas, não respeitando a individualidade das palavras, faz junção ou omissão de sílabas ou palavras, além de apresentar dificuldades em pontuação, acentuação e paragrafação.

Devido a essas dificuldades, os alunos que apresentam disortografia possuem textos reduzidos e apresentam desinteresse pela escrita.

DISCALCULIA

A discalculia, transtorno da habilidade matemática, é definida como uma desordem neurológica específica que afeta a habilidade de uma pessoa de compreender e manipular números. O aluno pode automatizar cálculos como as quatro operações, porém não conseguir entender o enunciado do problema. “A discalculia é o termo usado para indicar dificuldade em Matemática” (Drouet, 2006, p. 131).

A discalculia ocorre em pessoas de qualquer nível de quociente de inteligência (QI), em adulto ou criança e há evidências de que este tipo de distúrbio é parcialmente hereditário como também pode estar relacionada a outros distúrbios.

De acordo com (JOHNSON e MYKLEBUST 1987, p. 291), distúrbios de memória auditiva, distúrbios de leitura e distúrbios de escrita também podem interferir nesta aprendizagem:

O aluno com discalculia apresenta dificuldades em sequenciar números, compreender os sinais das quatro operações, lembrar os passos para realizar as operações, contar objetos e aprender a tabuada.

Segundo Johnson; Myklebusk (1987, apud SAMPAIO, 2012) o aluno com discalculia possui como características o impedimento de ir adiante com a matemática e relações com números.

TRANSTORNO DE DÉFICIT DE ATENÇÃO/HIPERATIVIDADE (TDAH).

Uma das principais dificuldades dos alunos com TDAH são os problemas de comportamento no ambiente escolar, manifestadas pela dificuldade em obedecer às regras impostas pela escola e pela agitação na própria sala de aula.

> O aluno não para quieto na sala de aula, pede para ir ao banheiro o tempo todo, puxa conversa com os colegas de classe. As consequências desse tipo de comportamento costumam se refletir nas notas vermelhas do boletim. Até há alguns anos, estudantes com esse perfil eram tachados de bagunceiros ou, até mesmo, sem educação.
> Hoje em dia, no entanto, sabe-se que muitos deles possuem o TDAH - Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade. De ordem neurobiológica, ele provoca desatenção, inquietude e impulsividade, atinge de 3% a 5% das crianças e costuma ser tratado com uma com binação de medicamentos, terapia e orientação pedagógica. (JORDÃO, 2009).

A desatenção, bem como a agitação, o excesso de atividade e a impulsividade além de afetar a personalidade e a aprendizagem do aluno, afeta também a sua integração com os colegas na escola e fora dela.

> Muitas crianças hiperativas também vivenciam uma ampla gama de problemas comportamentais ou emocionais secundários na escola, como conseqüência de sua incapacidade de satisfazer as exigências na sala de aula. Esses problemas muitas vezes se desenvolvem em resposta a fracassos freqüentes e repetidos. Como resposta, algumas crianças tornam-se deprimidas e retraídas, enquanto outras se tornam irritadas e agressivas. (GOLDSTEIN, 1996, p. 109).

Devido a desatenção, é comum o aluno não se concentrar e não acompanhar a explicação dos professores. Ou ainda, por causa da impulsividade e a impaciência,

deixam a atividade incompleta ou incorreta. O que acabam perdendo a matéria e não aprendem como deveriam.

Segundo Paes (2003, p.3). “o transtorno de déficit de atenção/hiperatividade (TDAH) é, essencialmente, um problema de comportamento vinculado a atenção, estando relacionado a diferentes fatores causais.”

De acordo com a literatura atual, os sintomas do transtorno de *déficit* de atenção/hiperatividade são originados por disfunções no funcionamento cerebral. “O TDAH já foi entendido como um transtorno comportamental de meninos, porém, na atualidade, é solidamente identificado em meninas, adolescentes e adultos.” (ROHDE e MATTOS, 2003, p.143)

Para a Associação Brasileira do Déficit de Atenção- ABDA “é um transtorno neurobiológico, de causas genéticas, que aparece na infância e frequentemente acompanha o indivíduo por toda a sua vida. Ele se caracteriza por sintomas desatenção, inquietude e impulsividade.”

O aluno com TDAH apresenta dificuldade em prestar atenção, de se concentrar e de conseguir direcionar o raciocínio. Elas costumam ser muito criativas e fazem várias coisas ao mesmo tempo, e por isso, com maior facilidade em distrair-se.

> TDAH é uma disfunção no funcionamento cerebral. Devido a variações nas manifestações clínicas e possivelmente, a complexidade dos processos biológicos implicados na origem de seus sintomas, supõe-se que há alterações em diferentes sistemas de neurotransmissores que devam estar envolvidas. (ROHDE, MATTOS e COL. 2003, p.53).

Os alunos com TDAH, muitas vezes, passam a ser vistos como desleixados e preguiçosos. O que na verdade, essas são limitações impostas, que se não for diagnosticado e tratado corretamente, atrapalha tanto sua vida como a de quem está próximo a sua.

As características do TDAH aparecem bem cedo para a maioria das pessoas, logo na primeira infância. Externa-se por comportamentos crônicos, com duração de no mínimo seis meses, em dois ou mais ambientes e que se instalam definitivamente antes dos sete anos.

As características TDAH- tipo combinado é a pessoa que apresenta os dois tipos conjuntos de critérios dos tipos desatento e hiperativo/impulsivo.

O diagnóstico do TDAH é clínico e envolve critérios específicos com atendimento de profissionais como psicólogos, psiquiatras, pedagogos, professores e fonoaudiólogos.

O DMS-IV, propõe que para o indivíduo ser diagnosticado como TDAH devem estar presentes no mínimo 6 de uma lista de 9 sintomas de Desatenção e/ou no mínimo 6 de uma lista de 9 sintomas de hiperatividade e impulsividade.

Para identificar os transtornos de aprendizagem é preciso que o aluno seja submetido a uma avaliação multidisciplinar, envolvendo avaliações pedagógicas, psicológicas e se necessário, neurológicas e fonoaudiologias, além da entrevista com o responsável, a fim de investigar dados referentes à história de vida do aluno.

Esse processo englobando diferentes avaliações possibilita a coleta de dados diferenciados e complementares que se constituem em subsídios para a compreensão do desempenho do aluno.

DESENVOLVIMENTO DA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA E ANÁLISE DOS RESULTADOS OBTIDOS.

A implementação do projeto foi realizada por meio de encontros presenciais de acordo com o cronograma previamente estabelecido. Participaram dessa implementação, dez cursistas, sendo professores do Ensino Fundamental e Médio, das disciplinas de História, Geografia, Matemática, Educação Física, Língua Portuguesa e pedagogas. Os encontros foram realizados na sala de informática do colégio, no total de oito encontros presenciais, das 17h35min às 21h35min.

O estudo iniciou-se com a abordagem dos aspectos legais e pedagógicos da Educação Especial. A familiarização com documentos que norteiam legalmente o tema a ser tratado, passa a fazer parte do acervo pedagógico dos profissionais da educação que buscam o entendimento dos conceitos e recursos disponibilizados.

Segundo os participantes deste primeiro encontro, o estudo dos aspectos legais e pedagógicos da Educação Especial, despertou uma curiosidade maior pela funcionalidade específica de cada situação que implica em transtornos funcionais específicos. As questões de nomenclatura, classificação dos alunos pelo posicionamento teórico, articulada às orientações específicas, foram aos poucos fazendo parte do universo pedagógico dos professores e pedagogos envolvidos no projeto, que pouco ou muito pouco, possuíam um entendimento.

Outro aspecto abordado foi a importância da normatização, regulamentação e o funcionamento qualitativo e organizado da Sala de Recursos Multifuncional, bem como a significância de estratégias e ações pedagógicas a serem traçadas de acordo com a especificidade de cada aluno.

Destacou-se também o estabelecimento de critérios para uma organização pedagógica eficiente, funcional e contínua, que contribua verdadeiramente para o bom desempenho de alunos com dificuldades de aprendizagem específica.

O segundo encontro ou unidade dois foi dedicado aos estudos sobre a Dislexia, abordando os aspectos históricos e conceituais. Destacou-se nessa abordagem as principais características pedagógicas e comportamentais das crianças que possuem esse tipo de transtorno. Em seguida foi exibido o filme: "Como estrelas na Terra: Toda criança é especial", onde foram elaboradas questões para reflexão sobre o teor do filme, o papel da família diante da situação da criança com distúrbio, o papel da escola, suas ações pedagógicas diante da situação, os sentimentos da criança que convive diariamente com essa situação na escola.

Após o debate sobre a temática abordada pelo filme foi aplicada uma dinâmica interativa onde foi distribuído um texto (a oração do Pai Nosso em vários idiomas) e pedido aos participantes que lessem o texto (sem que soubessem qual o conteúdo, evidentemente). Após algum tempo foi retomado a sequência pedagógica da atividade, sendo questionado:

- Quais sentimentos ocorreram em cada um ao receberem um texto e não conseguirem decifrá-lo?
- Como nós professores lidamos com o aluno com dificuldade de leitura?
- Qual seria nossa conduta profissional diante de uma situação semelhante à do filme?
- Será que temos em nossa sala de aula aluno(s) com esse transtorno?

Todos esses questionamentos geraram diversas reflexões e relatos pessoais que enriqueceram significativamente o tempo dedicado ao estudo da Dislexia, principalmente a questão da postura do professor diante de uma situação como essa.

No terceiro encontro a abordagem efetuada foi sobre a Disgrafia e Disortografia, onde inicialmente foram expostos os conceitos, tipos e as funções envolvidas nesses transtornos e as principais características apresentadas pelo seu portador.

Na sequência foram elencadas algumas questões reflexivas buscando despertar nos professores e pedagogos presentes, ações pedagógicas que visem melhorar os aspectos cognitivos, afetivos e motor, habilitando harmoniosamente as crianças que apresentam tal transtorno. O grupo fez colocações interessantíssimas sobre como evitar a discriminação e o constrangimento dentro da sala de aula, buscando a valorização dos acertos ortográficos e não dar ênfase aos erros.

Foi explicitado aos professores e pedagogos que a criança pode desenvolver suas habilidades, seus conhecimentos através da utilização de estratégias e metodologias diferenciadas que exijam habilidades adjacentes, eleva a auto estima e a valorização pessoal, pois cada aluno possui percepções diferentes e a apropriação do saber específico de cada área do conhecimento é inerente às suas habilidades e características.

Outro aspecto importante abordado foi o desempenho ortográfico em outras áreas do conhecimento, integrando assim, às demais áreas norteadoras.

Por fim, as reflexões culminaram na questão da relação afetiva professor-aluno que, segundo o grupo, pode contribuir para a minimização desse transtorno, pois o respeito mútuo, a valorização pessoal, a desvalorização das deficiências, a demonstração de interesse pelas qualidades de maneira espontânea transmitindo tranqüilidade e equilíbrio, além do bom senso na resolução das situações que ocorrem cotidianamente, seguramente irão minimizar o quadro desse tipo de transtorno.

Os apontamentos iniciais no quarto encontro foram em torno dos conceitos e das características da Discalculia, com a citação de alguns autores e suas produções sobre o tema. Foi exposto aos participantes que por ser a Discalculia uma desordem neurológica, específica que afeta a habilidade de uma pessoa em compreender e manipular números, é importante usar situações concretas nos problemas. Explicar ao aluno sobre suas dificuldades e nunca forçá-lo a fazer atividades quando ele está nervoso. A manipulação de materiais concretos pode facilitar e estimular as operações lógicas como ordenação, classificação e sequência, e construir conceitos sobre a relação com figuras geométricas e com objetos utilizados em nosso cotidiano.

O vídeo “Matemática Complicada” nos remeteu a uma profunda reflexão incisiva sobre o conteudismo. Até que ponto vencer o conteúdo ou o programa é importante para a apreensão do conhecimento? A relevância dos conteúdos está

intimamente vinculada ao perfil pedagógico do aluno, aos elementos que servem de pré-requisitos para a construção desse conhecimento e de outros, e ao próprio desempenho escolar. Um planejamento bem formulado e contextualizado a realidade de conteúdos adquiridos, facilita a compreensão dos mesmos e causam menos conflitos.

Num outro momento, foi discutido com base num texto adaptado, a importância de sermos claros ao passar uma mensagem. É muito importante o locutor estar atento às dúvidas que surgem na construção da resposta que se é esperada. Observar se o interlocutor compreendeu a mensagem colocada. Fazer feedbacks seguidos em conteúdos que exijam um grau maior de atenção. O entendimento de um conteúdo está vinculado ao próprio histórico escolar do aluno, à sua formação social e cultural, por isso a importância de se construir um planejamento coerente e flexível para que se minimizem as dificuldades de entendimento. A falta de clareza no comunicado de atividades relativas aos conteúdos pode causar conflitos e dissabores.

No quinto encontro tratou-se dos Transtornos de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), foram abordadas as principais características de crianças que possuem esse distúrbio, como identificá-lo e como proceder diante da confirmação do diagnóstico. Possivelmente este tenha sido o tema mais discutido e aprofundado dentre todos os outros transtornos apresentados, por se tratar de um quadro comum em nossa unidade escolar e por refletir diretamente na conduta da criança dentro da sala de aula.

Após longa descrição literária, apresentando conceitos de diversos autores e reforçando as características comportamentais e as dificuldades pedagógicas, tomou-se o cuidado de se observar os critérios estabelecidos para que o aluno seja submetido a uma avaliação multidisciplinar, envolvendo avaliações pedagógicas, psicológicas, e se necessário, neurológicas e fonoaudiológicas, além da entrevista com o responsável, para que não incorra no erro de confundir uma criança com TDAH, com uma criança mimada ou mal-educada, sem limites.

Os relatos dos professores participantes foram extremamente enriquecedores, pois se observou nitidamente suas experiências e suas dificuldades no relacionamento com crianças que possivelmente apresentassem esse transtorno. Houve reflexão e busca de entendimentos sobre o comportamento de determinados alunos no cotidiano escolar.

Destacou-se também nas discussões, o papel da família na vida acadêmica da criança com TDAH, e a importância de um diagnóstico precoce e correto. Outro ponto muito discutido foi à questão da comorbidade[3] que ocorre comumente ao portador do TDAH, reforçando a relevância de uma avaliação multidisciplinar para a construção de ações pedagógicas que sejam eficientes, e possam efetivamente auxiliar a criança a superar suas dificuldades e desenvolver suas habilidades além de melhor controlar seu problema de comportamento.

No sexto encontro, foram apresentados aos participantes, os conceitos e classificação das áreas do conhecimento, bem como as funções e particularidades de cada uma e a influência no desempenho acadêmico e social da criança. Embora estudadas separadamente, ficou claro aos participantes as íntimas relações entre as áreas cognitiva, afetiva e motora. Relação esta indissolúvel e extremamente necessária para o bom desempenho acadêmico e social da criança, buscando o equilíbrio entre elas para ações qualitativas e quantitativas eficientes que possam acompanhar para toda a vida, e não somente no ambiente escolar.

O sétimo e o oitavo encontro foram destinados ao conhecimento, utilidade e preenchimento das fichas destinadas aos professores para possíveis encaminhamentos de alunos à Sala de Recursos Multifuncionais. Todos os dados constantes em cada ficha foram relatados e explicitados suas relevâncias e destinação. O papel do professor regente que observa e relata a conduta e o desempenho escolar da criança, bem como sua mudança de postura e adequação metodológica.

SÍNTESE DO GTR

Analisando todo o processo do GTR e as contribuições de meus colegas professores e pedagogos participantes, pude concluir que meu trabalho teve relevância significativa, pois as manifestações expressas nos Fóruns e Diários comprovam essa perspectiva. Os relatos das experiências da aplicabilidade das atividades de meu projeto, nas escolas daqueles professores e pedagogos atuantes foram muito satisfatórios, pois houve características comuns em todas as unidades escolares, como o desconhecimento pedagógico e literário sobre o tema, a

[3] Comorbidade: ocorrência de mais de um problema ao mesmo tempo.

importância de envolver toda a comunidade escolar, a continuidade dos estudos e outros.

O que creio ser também relevante é o fato do tema ter chamado a atenção de todos os segmentos envolvidos no processo, principalmente da família do aluno (maiores interessados) e que com o devido acompanhamento pedagógico, podem contribuir significativamente com o trabalho dos professores da sala comum e com os professores da Sala de Recursos Multifuncionais.

Enfim, penso que a temática desenvolvida pôde contribuir para o enriquecimento pedagógico de todos que participaram do GTR, podendo ainda estender-se a novos horizontes com perspectivas mais amplas, pois o anseio em continuar o aprofundamento dos estudos sobre esse tema e outros similares foi explicitamente demonstrado pelos participantes.

A cada conhecimento adquirido faz-se necessário, novas pesquisas e novos olhares, pois o processo é contínuo e interminável.

As experiências compartilhadas são destaques nesse processo, pois a prática nos revela pontos ocultados nos fundamentações teóricas e comprovam as especificidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por se tratar de um tema atual e em evidência, pois faz parte do cotidiano escolar, foram poucas as dificuldades para o bom desenvolvimento do projeto. A metodologia e as estratégias, bem como os recursos didáticos, pedagógicos e técnicos foram organizados de maneira contextualizada e coerente, o que proporcionou significativa motivação e harmonização seqüencial durante todas as etapas previstas.

O grupo de pequeno de cursistas favoreceu o cumprimento dos horários previstos e, as reflexões e debates propostos no projeto, foram pontualmente satisfatórios, sem que se perdesse o foco do tema em debate.

As produções dos cursistas em cada encontro, suas reflexões e seus relatos de vivências experimentadas cotidianamente e em tempo real, tornaram possível o pleno e integral cumprimento dos objetivos geral e específicos. As contribuições de cada membro foram extremamente enriquecedoras, servindo de motivação e despertando ainda mais a curiosidade científica e didática sobre o tema.

Houve tempo hábil para abordagens mais aprofundadas sobre a legislação vigente que se refere à Educação Especial, bem como a condutas éticas por parte do corpo docente da unidade escolar que, frequentemente extrapola suas condutas e ações pedagógicas caracterizando atitudes incoerentes e até preconceituosas.

O curso proporcionou base didática que favoreceu um olhar diferenciado com situações que envolvem comportamentos e dificuldades cognitivas dos alunos. Essa base ofereceu subsídios para trabalhar com problemas detectados em sala de aula, e que envolvem tanto a aprendizagem como a socialização.

Despertou reflexões quanto à necessidade de rever a prática pedagógica e a avaliação individual, considerando a possibilidade e o tempo de aprendizagem de cada educando.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Manual de Orientação**: Programa de Implantação de Sala de Recursos Multifuncionais. Brasília: MEC/SEESP/DPEE, 2010.

_____, Ministério da Educação. **Política Pública de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. 2010.

DROUET, Ruth Caribé da Rocha. **Distúrbios da Aprendizagem**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2006.

GOLDSTEIN, Sam e Michael. **Hiperatividade**: Como desenvolver a capacidade de atenção da criança. 2. ed. São Paulo: Papirus, 1996.

MORAIS, Antonio Manuel Pamplona. **Distúrbios da Aprendizagem**: Uma Abordagem Psicopedagógica. 12. ed. São Paulo: Edicon, 2006.

PAES, Dijalma Ferreira. **Hiperatividade e a Realidade do Professor**. Dissertação (Mestrado em Neurofisiologia). Realização Makro Marketing. 2003.

PARANÁ, **Instrução n. 016/2011**: Estabelece critérios para o atendimento educacional em SALA DE RECURSOS MULTIFUNCIONAL TIPO I, na Educação Básica – área da deficiência intelectual, deficiência física neuromotora, transtornos globais do desenvolvimento e transtornos funcionais específicos. Curitiba: SEED/SUED, 2011.

ROHDE, Luis Augusto; Paulo Mattos et al. **Princípios e práticas em transtorno de déficit de atenção, hiperatividade-impulsividade.** Porto Alegre: Artmed, 2003.

REFERENCIAS ELETRÔNICAS

ABDA. Associação Brasileira de Déficit de Atenção. **O que é Tdah**? Disponível em: <http://www.tdah.org.br/index.php?option=com_k2&view=item&layout=item&id=11&Itemid=116&lang=br> Acesso em 03 de mai. 2013.

Ajuriaguerra (1988) In: CAMARGO, Maria José Gugelmin de. **Distúrbios do Desenvolvimento.** Transtorno de aprendizagem escolar – disgrafia motriz. 2008. Disponível em: <http://www.neuropediatria.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=93:disgrafia-motriz&catid=59:transtorno-de-aprendizagem-escolar&Itemid=147 > Acesso em 24 mai. 2013.

CAMARGO, Maria José Gugelmin de. **Distúrbios do Desenvolvimento.** Transtorno de aprendizagem escolar – disgrafia motriz. 2008. Disponível em: <http://www.neuropediatria.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=93:disgrafia-motriz&catid=59:transtorno-de-aprendizagem-escolar&Itemid=147 > Acesso em 24 mai. 2013.

JOHNSON e MYKLEBUST (1987) In: SAMPAIO, Simaia Maia Medrado de Araújo**. Distúrbios e transtornos**: dislexia 21 de dez. 2012. Disponível em: <http://www.psicopedagogiabrasil.com.br/disturbios.htm> Acesso em 22 mai. 2013.

JORDÃO, Claudia. **Escolas Especializadas em Déficit de Atenção**. Disponível em: <http://www.istoe.com.br/reportagens/13191_ESCOLAS+ESPECIALIZADAS+EM+DEFICIT+DE+ATENCAO>. Acesso em 04 de jun. 2013.

MAKISHIMA, Édne Aparecida Claser; ZAMPRONI, Eliete Cristina Berti. **Transtornos Funcionais Específicos.** Disponível em: <http://www.nre.seed.pr.gov.br/toledo/arquivos/File/educacao_especial/materiais_apoio/texto_tfejunho2.pdf> Acesso em 08 de jun. 2013.